

COLEÇÃO *TRAMAS URBANAS*: UMA PERSPECTIVA DIALÓGICA E TESTEMUNHAL

Maíra Silva da Fonseca Ramos (UnB)¹

Resumo: O presente trabalho analisará, de forma bastante breve, a Coleção *Tramas Urbanas*, editada pela Aeroplano de 2007 a 2015, e sua inserção na produção literária brasileira, enfocando a almejada democratização da produção literária, com seus diferentes autores e diferentes formas de escrever. Não desconhecendo que a literatura ainda desponta como um espaço privilegiado de expressão, os autores da *Tramas Urbanas* trazem para o cenário literário uma visão bem diferente da que domina a cena atual, permitindo pensar na escrita também como forma de vencer a marginalidade social.

Palavras-chave: Democratização literária; *Tramas Urbanas*; Marginalidade.

Democratização do fazer literário: inclusão literária e cidadania

O perfil dos escritores brasileiros é bastante homogêneo, vide as conclusões da pesquisa empreendida pelo Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea da UnB, que aponta serem os escritores, em sua maioria, homens, brancos, de classe média². Da mesma forma, os personagens trazidos nos livros publicados pelo mercado editorial atual brasileiro parecem-se em demasia com seus autores, talvez porque lhes seja mais confortável falar sobre a realidade que vivenciam.

A literatura se configura como um espaço privilegiado de expressão, portanto dizer o que é literatura e o que dela não pode participar como sendo produto literário, dizer com autoridade e poder ser ouvido, dizer e fazer parte daquele círculo que será estudado pela academia ainda é uma forma de demonstração de poder.

A exclusão das classes populares da produção da literatura não é um problema que se resume ao círculo exclusivamente literário, ao revés, essa exclusão se estende a outros espaços da sociedade: como nos espaços de produção do saber (a exemplo da ausência dos grupos marginalizados na academia, o que está sendo pouco a pouco modificado com a adoção de cotas sociais/raciais nas universidades brasileiras, implementadas nos últimos anos) ou mesmo no centro de poder de tomada de decisões (o que se vê pela pouca

¹ Graduada em Direito (UNESA), Mestranda em Literatura (UnB). Contato: mairafonseca@gmail.com.

² O raio-x da pesquisa, que teve como *corpus* os romances publicados pelas três maiores editoras brasileiras até o ano de 2004, assim detecta: “Na narrativa brasileira contemporânea é marcante a ausência quase absoluta de representantes das classes populares. Estou falando aqui de produtores literários, mas a falta se estende às personagens. De maneira um tanto simplista e cometendo alguma (mas não muita) injustiça, é possível descrever nossa literatura como sendo a classe média olhando para a classe média. O que não significa que não possa haver aí boa literatura, como de fato há – mas com uma notável limitação de perspectiva.” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 18)



representatividade das classes populares nas cadeiras dos Poderes Executivo e Legislativo).

Importante aqui introduzir, mesmo que brevemente, o conceito de campo literário, cunhado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, que o entende como o espaço social, relativamente autônomo, no qual os produtores literários e outros agentes que o rodeiam (como críticos e estudiosos da literatura) geram critérios de legitimidade e prestígio, assumindo posições de poder e relações de hierarquia, alternando-se na disputa por espaço.

Campo literário seria, assim, um universo autônomo de relações de produção, circulação e consumo de bens simbólicos, “que obedece às suas próprias leis de funcionamento e de transformação, isto é, a estrutura das relações objetivas entre as posições que ocupam os indivíduos ou grupos colocados em situação de concorrência pela legitimidade.” (BOURDIEU, 1996, p. 243)

A pesquisadora Regina Dalcastagnè, ao apontar que a mencionada exclusão social dos grupos marginalizados também se espalha por todos os outros segmentos sociais, acaba por questionar: o que se perde com isso? Ela mesma responde, de modo nada simplista:

Perde-se em diversidade. Há muito tempo, a narrativa vem perseguindo a multiplicidade de pontos de vista; alguns dos romances mais lembrados do século XX são justamente os que mais se aproximam dessa meta. Só que do lado de fora da obra, não há o contraponto; quer dizer, não há, no campo literário, uma pluralidade de perspectivas sociais. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 20)

A produção literária dos integrantes de grupos marginalizados impõe um novo olhar nesse campo do discurso ainda bastante uniforme. Tem importância política trazer para a produção literária essas vozes dissonantes, isso porque a própria representação artística (aqui inserida a literária) implica repercussão no debate público e, de igual modo, a luta contra a injustiça passa também pelo oportunizar acessos de expressão cultural a grupos subalternos (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 47).

E é neste cenário de ausências que surge a Coleção *Tramas Urbanas*, idealizada pela professora e crítica literária Heloísa Buarque de Hollanda, com o patrocínio da Petrobras, que traz, em seus trinta e dois títulos, editados pela Aeroplano de 2007 a 2015,



experiências que acontecem agora nas periferias brasileiras, contadas sob a ótica dos próprios protagonistas.

Os autores publicados pela *Tramas Urbanas*, oriundos das margens econômica, geográfica e social do Brasil, trazem para a literatura uma perspectiva diferente da que domina a cena literária atual, rompendo com o discurso hegemônico sobre quem pode fazer literatura. Buscando a inclusão social por meio da expressão literária e do engajamento em atividades culturais, o estudo da autoria nessas obras atende aos reclamos de democratização do fazer literário.

A perspectiva inscrita nos livros da Coleção, cujos autores são os próprios protagonistas, é a do morador da periferia, pobre, trabalhador, que em seu cotidiano vivencia a dura realidade de exclusão social e consegue mudar a própria história, reinventando seu lugar de estar no mundo. É a visão desses sujeitos, com suas experiências tão diferentes dos autores de classe-média, que é trazida para as narrativas que comporão o *corpus* da presente pesquisa.

Interessante iniciar esse trabalho refletindo sobre cidadania, que pressupõe discutir inserção na sociedade civil, afigurando-se, por si mesmo, um conceito bastante indeterminado. Pertencer a uma comunidade, fazer parte dela e sentir-se incluído, implica o reconhecimento de que o indivíduo é titular de direitos e obrigações na esfera jurídica. Contudo, os autores trazidos nesta pesquisa, embora nacionais e inseridos numa comunidade, comungam da exclusão social em decorrência da desigualdade reinante no país.

O local de fala desses autores é periférico, de igual modo a perspectiva social trazida nas obras aqui abordadas, que é a do morador da periferia que precisa superar muitas adversidades até se tornar escritor. E a escrita passa a ter uma função que extrapola aquela meramente literária: é uma maneira de vencer a marginalidade (embora ainda permaneçam marginais quanto à forma de circulação dos livros na sociedade, já que o produto literário circula distante dos grandes centros e das renomadas editoras), permitindo que as condições sociais da comunidade na qual estão inseridos sejam trazidas à vista dos leitores.

Não se pode esquecer, também, da relevante função que possui a literatura nesse aspecto: permite-se, por meio da expressão artística, em especial da escrita literária, que sujeitos de comunidades marginalizadas se expressem e sejam ouvidos. Os



marginalizados sociais podem, através da literatura, reivindicar direitos, se organizar coletivamente para a difusão de cultura na periferia, suprindo as lacunas deixadas pelo Poder Público.

A *Tramas Urbanas* e seus autores nos mostram uma periferia habitável por vezes que fazem dela o seu lugar, construindo nela a sua felicidade e o seu afeto. Os livros anunciam, segundo as palavras do professor João Camillo Penna, no prefácio ao *Polifonias Marginais* (2015) “um mundo em que os moradores de periferias seriam cidadãos com plenos direitos. Já que todos os direitos são programados pelo direito de voz, o direito que anuncia todos os outros.” (PENNA *in* TENNINA, 2015, p. 19)

Para compreendermos essa produção como literatura faz-se necessário, por vezes, alargar o conceito do que vem a ser literário. O problema, que não é novo, pode ser analisado nos diários escritos por Carolina Maria de Jesus, conhecida como a escritora que veio da favela, como a desmerecer sua escrita dotada de evidente caráter literário. O cânone e a tradição quiseram relegar os escritos da autora "da favela" ao status de mero documento.

O mesmo se dá com os livros que serão objeto deste estudo: a ficha catalográfica os relega ao status de biografia, à exceção do *Guia Afetivo da Periferia*, que é o único livro de toda a Coleção indicado como obra de ficção. Tal catalogação, inclusive, pode ser vista com perplexidade, até porque as três obras estudadas são muito semelhantes em sua maneira de (re)escrever o mundo.

E se já não fosse pouco a ficha catalográfica desses livros os relegarem ao status de “não-literatura”, a própria crítica literária, ao recusar o caráter literário a tais obras, apenas reproduz o preconceito reinante em nossa sociedade: quem tem legitimidade para falar? Quem pode escrever literatura? O que é literatura?

Os autores estudados, todos ativistas culturais que, em alguma medida, se tornam (ou se consolidam) escritores por meio da Coleção, trazem como contribuição a ideia de que a literatura pode dar visibilidade a experiências que, de outra forma, talvez não fossem conhecidas do grande público. E falo aqui tanto do conhecimento do público leitor em relação às trajetórias de vida narradas nas autobiografias editadas pela *Tramas Urbanas*, quanto dos projetos culturais difundidos nas diferentes periferias do país.



Mais que a luta por um espaço de fala ainda predominantemente branco, de classe média e elitista, os autores da *Tramas Urbanas* lutam também por justiça social e, em última medida, por uma cidadania inclusiva.

Perfil da Coleção *Tramas Urbanas*: publicações, financiamento e curadoria

Mesmo não sendo a única coleção de livros a reunir escritos de autores periféricos, uma vez que a Global Editora, também no ano de 2007, lançou a Coleção *Literatura Periférica*³, que teve como mote reproduzir, numa editora de maior porte, livros que já haviam sido lançados de forma independente pelos escritores, a *Tramas Urbanas* continua tendo o ineditismo pela proposta de colocar os autores em diálogo ou mesmo por revelar ao grande público as trajetórias de vida dos autores.

Dando visibilidade a essas trajetórias de vida, os livros apresentam histórias narradas pelos próprios idealizadores de projetos sociais que fazem a diferença na vida de milhares de cidadãos espalhados pelas periferias do Brasil afora, permitindo a visibilidade de histórias de coletivos de graffiti, da difusão do *hip-hop* como uma alternativa cultural para os habitantes das periferias, de eventos culturais que, ano após ano, pretendem o resgate da auto-estima dos moradores de locais pobres e esquecidos do Poder Público. Narram, enfim, histórias de resistência de várias comunidades periféricas brasileiras que reinventaram modos de sobrevivência que passam por ações culturais.

Em comum, o espaço periférico assumindo o protagonismo nas narrativas (a periferia aqui não se resume apenas às favelas, mas também é identificada com locais pobres afastados dos grandes centros), por meio da ação de jovens que acreditam na possibilidade de transformação, obtida graças ao envolvimento em atividades culturais. O pertencimento a uma comunidade periférica, entoadado com bastante orgulho nas obras, e a luta por melhorias por parte da população, exatamente onde falta o Estado, é o assunto predominante da quase totalidade dos livros editados pela *Tramas Urbanas*.

³ Sergio Vaz, em sua autobiografia *Cooperifa: antropofagia periférica* (2008), editada pela *Tramas Urbanas*, dedica um capítulo para discorrer acerca da coleção da Global Editora, da qual seu livro *Colecionador de Pedras* faz parte. Menciona a maior difusão das obras, conseguida graças à publicação numa grande editora, relembrando seu passado de vendedor de livros de mão em mão: “Passei toda a vida editando meus livros independentes, todos os cinco, e quando já nem imaginava mais uma grande editora na minha vida, surge a Global Editora no meu caminho. (...) De minha parte, com mais de cinco mil livros vendidos de mão em mão ao longo desses vinte anos, achei que já estava na hora de tentar uma nova experiência. Aliás, uma experiência que eu aguardava há mais de vinte anos. Hoje, por exemplo, o livro pode ser encontrado em todas as livrarias do país.” (VAZ, 2008, p. 228-229).



Nesse sentido, a Coleção escolhida insere-se num projeto maior de democratização do processo de produção da literatura, oferecendo pluralidade de experiências literárias nesse campo de ausências sentidas. No dizer da organizadora da Tramas Urbanas, Heloísa Buarque de Hollanda, tem-se a percepção que a cultura da periferia sempre existiu, mas não tinha oportunidade de falar por si. Por meio das histórias contadas procura-se “não apenas dar voz à periferia, mas investigar nessas experiências novas formas de responder a questões culturais, sociais e políticas emergentes”, como se vê da apresentação do *Guia Afetivo da Periferia* em texto não assinado, mas vinculado ao nome da Petrobras, patrocinadora da Coleção estudada.

Para compreensão da Literatura Marginal, recorre-se aos ensinamentos de Érica Peçanha, que analisa o perfil sociológico dos escritores periféricos e de que maneira eles fazem uso do qualificativo marginal para se autodesignarem e para designarem a produção literária que fazem. Pioneira em levar os autores periféricos para os estudos no âmbito acadêmico, a autora divide o termo Literatura Marginal em quatro abordagens possíveis:

como uma rubrica ampla e de entendimento quase sempre problemático, a expressão “literatura marginal” serviu para classificar as obras literárias produzidas e veiculadas à margem do corredor editorial; que não pertencem ou que se opõem aos cânones estabelecidos; que são de autoria de escritores originários de grupos sociais marginalizados; ou ainda, que tematizam o que é peculiar aos sujeitos e espaços tidos como marginais. (NASCIMENTO, 2009, p. 22)

Não se pode desconhecer a importante influência, para a chamada Literatura Marginal, de Paulo Lins e o seu *Cidade de Deus*, publicado em 1997, mais difundido ainda após a sua adaptação para o cinema em 2001, bem assim as edições de literatura marginal veiculadas pela Revista Caros Amigos. Relevante também a figura de Ferréz, que após o livro *Capão Pecado*, publicado em 2000, tornou-se o nome de maior projeção no cenário intelectual da periferia.

Sobre a *Tramas Urbanas*, Lucía Tennina (s/a, s/p), pesquisadora argentina, fez minucioso estudo da Coleção quando esta só contava com os dez títulos iniciais⁴,

⁴ Convém mencionar que o texto publicado pela pesquisadora Lucía Tennina, intitulado *Tramas urbanas: un posicionamiento teórico crítico sobre la experiencia cultural contemporánea de la periferia urbana carioca y paulista* é o único estudo publicado que engloba análise sobre os volumes da Coleção. Embora sua publicação tenha sido feita numa revista argentina, o texto é bastante elucidativo da importância da



começando sua análise pelas capas, cujas fotografias pixeladas e com sobreposição de imagens parecem adiantar uma ideia de periferia tanto em forma de elementos superpostos, quanto em forma de diálogo.

A análise de Tennina passa pelo projeto gráfico dos livros, cujo início dos capítulos é feito com títulos em letras de diferentes tonalidades de cinza, grandes, algumas vezes pixeladas, que não coincidem com o espaço da página. Provocam, assim, um efeito 3D no leitor - uma marca não apenas visual, mas também cinética e tátil.

O projeto gráfico de cada um dos livros traz, ainda, diversas fotografias que, por sua vez, não representam imagens homogêneas, mas sim em sobreposição, tal qual um mosaico, corroborando também essa ideia de diálogo. Esse projeto ficou a cargo de um coletivo chamado Cubículo, indicando a importância visual dada à confecção dos livros, não se atribuindo relevância exclusiva às narrativas, talvez uma forma de conquistar os leitores já pelo projeto gráfico⁵.

Os livros publicados pela Coleção possuem formato de bolso, diminuindo os custos de produção, contendo muitas fotografias que se vinculam à temática abordada, com influência do *hip-hop* na diagramação das obras. Com todos os títulos atualmente esgotados, a Aeroplano divulgou para *download* gratuito⁶ a quase totalidade dos livros no site da editora.

Analisando o perfil dos escritores dos dez volumes iniciais da Coleção - o que pode ser estendido para os demais volumes -, Tennina (s/a, s/p) aponta que há divisão em dois grupos de autores: aqueles oriundos das periferias das grandes cidades brasileiras e, por outro lado, o grupo dos artistas ou acadêmicos oriundos da classe média, mas estudiosos dos fenômenos que ocorrem nesses espaços:

La posibilidad de diálogo es una de las afirmaciones más evidentes que establece la colección *Tramas Urbanas*. Y se plantea desde varios aspectos. Em cuanto atendemos, por ejemplo, a los nombres de los

Tramas Urbanas no cenário brasileiro, em especial se considerarmos o trabalho que vem sendo desenvolvido pela pesquisadora, que se debruça há anos sobre os textos (e, mais especificamente, a produção dos saraus) dos escritores periféricos.

⁵ Em relação às fotografias constantes das obras, interessante pensar também que elas podem, mais que possibilitar a abertura da leitura (e nos situar no espaço periférico onde as narrativas acontecem), acabar por reforçar o caráter documental dessas narrativas.

⁶ A editora Aeroplano foi vendida recentemente. Heloísa Buarque de Hollanda já não está mais à frente dos projetos da Aeroplano. Os novos dirigentes, por seu turno, não quiseram dar continuidade à Coleção e, mais do que isso, retiraram do ar o link que possibilitava o acesso *on line* às obras. Os rumores são de que a editora se renderá ao mercado editorial e só venderá, num futuro próximo, livros de auto-ajuda.



autores, se puede ver que algunos de los que firman los libros non son de la periferia, sino que son artistas o acadêmicos de origem social medio. La referencia a la periferia se propone, en este sentido, a partir de un diálogo entre voces de sujetos con vinculaciones diferentes em relación con ese lugar. El ejemplo más claro es el libro *Vigário Geral*, escrito en conjunto por una historiadora de classe media y un literato oriundo de un suburbio carioca y coordinador cultural del movimiento Afro Reagge.

Feita a análise semântica da palavra *Tramas*, que se encontra no início do nome da Coleção, esta pode ser entendida como a acepção de “tecido”, indicando matéria prima para um trabalho artesanal, tal qual um produto feio a mão. Outro significado possível para a palavra *Tramas* seria, no dizer de Tennina, a de “conspiração”, já que sobre os escritores oriundos das periferias brasileiras recai o qualificativo de violentos. Por fim, a palavra, segundo o dicionário, significa “relatos”, que, no caso, são seguidos do qualificativo “urbanos”, não se limitando de forma exclusiva ao contexto da periferia.

A pesquisadora Tennina termina seu ensaio com considerações sobre o importante papel da patrocinadora Petrobras, que, a pretexto de um discurso de desenvolvimento e de inclusão social, justifica sua ajuda econômica para a confecção dos livros editados pela Aeroplano. Sua voz viria se juntar à voz dos intelectuais e dos artistas escritores, propiciando, mais uma vez, o almejado diálogo que norteia a ideia da Coleção.

Nos livros, o financiamento público dado pela Petrobras é assim explicitado nas páginas iniciais:

A Petrobras, maior empresa brasileira e maior patrocinadora das artes e da cultura em nosso país, apóia essa coleção de livros. Entendemos que é de nossa responsabilidade social contribuir para a inclusão cultural e o fortalecimento da cidadania que esse debate pode propiciar. Desde a nossa criação, há pouco mais de meio século, cumprimos rigorosamente nossa missão primordial, que é a de contribuir para o desenvolvimento do Brasil. E lutar para diminuir as distâncias sociais é um esforço imprescindível a qualquer país que se pretenda desenvolvido.

Esse incentivo econômico foi possível graças à Lei de Incentivo à Cultura, também conhecida como Lei Rouanet (Lei 8.313/91), que permite que empresas, ou pessoas físicas, apliquem parte de seus recursos em ações culturais, como contrapartida há o gozo de benefícios fiscais, com dedução do imposto de renda. Uma extensa lista de requisitos deve ser cumprida para a inclusão dos projetos com o fim de fomento à difusão



da cultura em suas diversas facetas, dentre as quais a publicação de livros, desde que dotados de valor artístico, literário ou humanístico.

A finalidade da Lei Rouanet vem explicitada já em seu art. 1º, segundo o qual fica instituído o Programa Nacional de Apoio à Cultura, que tem como objetivos, dentre outros, contribuir para facilitar a todos os meios para o livre acesso às fontes de cultura e o pleno exercício dos direitos culturais, bem assim o apoio, a valorização e a difusão do conjunto das manifestações culturais e seus respectivos criadores.

Aliás, foi justamente o auxílio econômico dado pela patrocinadora que permitiu que os escritores oriundos das periferias brasileiras (alguns deles inéditos em publicação de livros, mas com intensa vida cultural em prol de suas comunidades, como é o caso de Marcus Vinícius Faustini ou de Joselito Crispim) pudessem divulgar suas histórias, trazendo novas perspectivas sociais ao cenário literário brasileiro bastante homogêneo.

A referida Coleção, mais que dar visibilidade a fenômenos culturais que agora ocorrem nas periferias de grandes cidades brasileiras, acaba também juntando escritores novos aos já consagrados no âmbito da chamada Literatura Marginal, a exemplo de Sérgio Vaz, Allan da Rosa e Sacolinha.

Tramas Urbanas também traz ao público trabalhos acadêmicos e de cunho jornalístico, em posição de diálogo, que pensam a produção dos autores moradores das periferias de grandes cidades brasileiras, reconhecendo-os como intelectuais.

É o caso do livro da antropóloga Érica Peçanha do Nascimento (*Vozes Marginais da Literatura*, 2009), oriundo de dissertação de mestrado apresentada à USP, em estudo pioneiro sobre a produção literária dos escritores da periferia de São Paulo. O livro resgata o contexto recente de produção literária da periferia brasileira, em especial a que se produz em São Paulo. Em seu texto, Érica Peçanha destaca a importância da Coleção porque dá visibilidade a alguns estudos acadêmicos que se voltam para a periferia, mas também para as experiências culturais, sociais e políticas da periferia, contadas sob a ótica dos próprios protagonistas (NASCIMENTO, 2013, s/p).

Ainda sobre a importância da Coleção, outro autor, também até então inédito na publicação de livros, Junior Perim, narra em *Panfleto* (2012) sua trajetória à frente do Circo Crescer e Viver. Dentro do projeto de visibilizar a vida como literatura, que é a *Tramas Urbanas*, o autor se viu como alguém que tinha uma história a contar e a registrar. Aponta que os autores anteriores a ele que escrevem na Coleção são “pessoas que, no



Brasil inteiro, inventam oportunidades de vencer as desigualdades, de construir espaços e territórios de ação propositiva para o desenvolvimento humano.” (PERIM, 2013, s/p).

Junior Perim menciona que se viu influenciado pela escrita de Marcus Vinícius Faustini, reconhecendo-se também como alguém que tem dado sua contribuição para o processo de desenvolvimento social:

Eu acho que a *Tramas Urbanas* pega experiências de sujeitos que inventaram formas de pular os muros do cotidiano complexo. Gente que toma a existência como o lugar da invenção da sua própria forma de estar na vida. Há todo um ambiente de educação para você construir um personagem para lidar com o mundo e ali tem um conjunto de pessoas que não aceitaram esse lugar, que tiveram a ousadia, a rebeldia e a indignação de dizer “não, não sou o que querem que eu seja”. (PERIM, 2013, s/p)

Destaca Perim que em *Tramas Urbanas* “pela primeira vez um conjunto de pessoas que se afirmaram na oralidade, no discurso, no diálogo, puderam escrever a sua história. Foram instados, foram encorajados, tiveram as condições objetivas para escrever um livro e lançar um livro.” Para o autor, a coleção lhe deu a possibilidade de se tornar escritor e de poder dizer isso ao mundo “Eu sou escritor, vou tirar essa onda: eu tenho um livro” (PERIM, 2013, s/p).

Assim, ao invés de objeto da escrita alheia, os autores periféricos passam a ser sujeitos da própria escrita, trazendo à cena debates importantes sob o ponto de vista de quem fala - os autores -, também oferecendo diversidade ao perfil sociológico dos escritores brasileiros (NASCIMENTO, 2012, s/p).

O encorajamento a que se refere Junior Perim em seu depoimento pode ser entendido tanto em relação à organizadora Heloísa Buarque de Hollanda, que encorajou os escritores a produzir livros nos quais essas trajetórias de vida fossem narradas, quanto em relação ao patrocínio dado pela Petrobras, que possibilitou, por meio do aporte financeiro, as condições objetivas e materiais para que as obras se tornassem realidade.

Assim, a Coleção, ainda que pensada sob o ponto de vista histórico (e, de fato, não se desconhece que retrata a posição desses artistas culturais no cenário periférico brasileiro num dado momento histórico, exatamente aquele em que as narrativas foram escritas), pode ser também pensada dentro da cena literária atual, com a análise dos textos



sendo considerados enquanto manifestações inscritas nesse campo privilegiado de expressão que é a literatura.

O que a *Tramas Urbanas* tem de original é justamente esse reconhecimento de que os autores periféricos podem falar com propriedade acerca de suas próprias vivências. E mais, os autores periféricos podem, sim, se expressar por meio da escrita; podem, sim, ter seus livros figurando lado a lado de autores acadêmicos e intelectuais de renome, porque, tendo seus livros fazendo parte da mesma Coleção, se lhes reconhece também a condição de intelectuais, ao possibilitar refletirem sobre suas próprias histórias e subjetividades.

Para os autores da Coleção, a literatura vem a ser mais uma forma de expressão artística, que se volta para visibilizar a periferia não apenas em seu aspecto negativo e estigmatizado de lugar de carências e violência, ao revés, trazem a ideia de periferia como um lugar de potência, com nova possibilidade de representação literária, convidando a um novo modo de ler.

Referências

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte / Rio de Janeiro: UERJ, 2012.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Coleção Tramas Urbanas lança livro sobre movimento literário da periferia paulistana. *Revista Raiz*, São Paulo, 12 setembro 2008. Disponível em: <<http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/revista-raiz/>>. Acesso em 15 set 2015.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. *Vozes marginais da literatura*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.



NASCIMENTO, Érica Peçanha do. Vídeo *Tramas Urbanas*. Publicado 17 jul 2013. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=5JiF-Bn1qMs>. Acesso em 12 jun 2017.

PERIM, Junior. Vídeo *Tramas Urbanas*. Publicado 10 jul 2013. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=atWU6p_yIGM. Acesso em 12 jun 2017.

TENNINA, Lucía. *Tramas urbanas: un posicionamiento teórico crítico sobre la experiencia cultural contemporánea de la periferia urbana carioca y paulista*. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/tramas-urbanas-un-posicionamiento-teorico-critico-sobre-la-experiencia-cultural-contemporanea-de-la-periferia-urbana-carioca-y-paulista-de-lucia-tennina-2/>. Acesso em 02 dez 2016.

TENNINA, Lucía *et ali*. *Polifonias Marginais*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2015.

VAZ, Sérgio. *Cooperifa: Antropofagia Periférica*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.